

Precisamos falar sobre traumas no jornalismo: lacunas na formação profissional sobre coberturas de eventos temáticos extremos¹

Paula Melani Rocha ²

Alex Daniel Dolgan ³

David Candido dos Santos ⁴

Resumo expandido

No jornalismo, fatos traumáticos, tanto individuais quanto coletivos, são matéria-prima para as notícias (Silva, 2017) e são naturalizados como potenciais valores-notícia por serem eventos inesperados. No contexto das sociedades de risco (Beck, 2011), eventos que se caracterizam como traumáticos se tornam comuns e menos improváveis devido a certos fatores como desmatamento ilegal, aquecimento global, crescimento de diferenças sociais, econômicas e geográficas, fluxos migratórios e de refugiados, xenofobia, ausência de políticas públicas e ineficácia da administração pública em prol de interesses econômicos. Beck (2011) via um mundo dividido e sujeito a riscos que eram constantemente ignorados pelo corpo social. Naquele momento, as discussões desse autor já se concentravam no problema ambiental e na inexistência de sustentabilidade global.

Ao recortarmos apenas o Brasil e 2024, em maio, assistimos a catástrofe climática que atingiu 478 municípios do Rio Grande do Sul com enchentes e alagamentos atingindo cerca de 2,3

¹ Trabalho apresentado no Educação em eventos climáticos extremos do XVII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, realizado nos dias 04 a 06 de dezembro de 2024.

² Doutora em Ciências Sociais, docente nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Jornalismo da UEPG. E-mail: paulamelani@gmail.com

³ Graduando Bolsista Iniciação Científica do curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: dolgan426@gmail.com

⁴ Mestrando Bolsista Capes no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: davidcandidods@gmail.com

milhões de pessoas. O número de mortes foi de 178 pessoas, de acordo com a Defesa Civil do Estado (Corrêa, 2024), além dos prejuízos econômicos a curto e longo prazo na vida de milhares de pessoas. Se em maio a chuva que era para regar o Brasil devido a fatores socioambientais desaguou toda no Rio Grande do Sul, a seca no inverno intensificou com baixa umidade do ar propiciando os incêndios que devastaram parte do território nacional em diferentes estados (Mato Grosso, Pará, Tocantins, Bahia, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Amazônia e Distrito Federal, por exemplo). Nos meses de agosto e setembro, atingiu o cerrado e a mata Atlântica com 184 mil focos de incêndios (Ribeiro, 2024), além da seca histórica na bacia dos rios da Amazônia. Ao lado dos prejuízos econômicos estão os traumas de vivenciar catástrofes extremas ocasionados pelas perdas, lutos, medos, impotências, desespero, tristezas, desamparo e muito mais. Escapam nas palavras a complexidade de emoções e abalos sofridos por cada um. Reportar esses eventos exige um cuidado e um auto cuidado do profissional jornalista.

Há ainda os movimentos migratórios de pessoas fugindo das duas guerras em curso (Ucrânia e Rússia; Israel e Hamas, envolvendo um conjunto de países Gaza, Síria, Líbano, Iran entre outros) e de países como Venezuela, Haiti e Argentina, por exemplo. E também o rescaldo de uma pandemia.

Nesse contexto, jornalistas frequentemente precisam cobrir eventos traumáticos nas escalas local-regional e global, e esses profissionais podem vivenciar essa prática com mais frequência ao longo de sua carreira, o que pode afetar sua saúde. De acordo com Ogunyemi e Akanuwe (2021, p.35), estudos desenvolvidos por Buchanan e Keats (2011) e Keats e Buchanan (2012) revelaram “que jornalistas que testemunham traumas e eventos de desastres correm risco de lesões físicas, emocionais e psicológicas”. Esses autores classificaram eventos traumáticos com base nos critérios propostos pela American Psychiatric Association (2013) como eventos que envolvem exposição real ou ameaça de morte, ferimentos graves ou violência sexual. Essa exposição pode ocorrer de diferentes maneiras que incluem experiência pessoal, testemunhar o que acontece com outras pessoas e exposição repetida ou detalhada (Ogunyemi & Akanuwe, 2021).



XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Universidade do Estado de Santa Catarina. De 04 a 06 de dezembro de 2024.

A presente discussão integra a pesquisa que estuda os riscos e traumas que envolvem a prática do jornalismo e traz o recorte sobre a formação profissional. A reflexão faz parte do projeto de pesquisa internacional Journalism Education and Trauma Research Group (JETREG). Situações estressantes vêm se intensificando na sociedade de riscos (Beck, 2011) e a modernidade tardia é permeada por incertezas e falta de controle institucional para prevenir qualquer evento catastrófico em nível global. Isso corresponde àqueles riscos que não podem ser medidos pelo avanço tecnológico e impactam o processo civilizatório. Eles resultam do desenvolvimento técnico-econômico criando um cenário de risco global (Beck, 2011). Embora cientistas nacionais e internacionais já vêm alertando há décadas sobre a necessidade de criar políticas públicas envolvendo a preocupação socioambiental. Considera o contexto da sociedade, os diferentes meios de informação interligados por redes sociais, inserida no modelo pós-industrial, em constante inovação tecnológica. Entende-se por exposição a riscos e traumas as coberturas jornalísticas relacionadas a guerra, acesso à assistência à saúde, crises ambientais, conflitos humanitários, combates, crimes e catástrofes, bem como ataques e ameaças dirigidas ao jornalismo e aos profissionais da imprensa pela prática profissional. Incluem coberturas internacionais, nacionais, regionais e locais que colocam em risco a segurança física e a saúde dos e das jornalistas.

O recorte proposto discute as lacunas na formação dos jornalistas para atuar nesse cenário a partir de uma pesquisa aplicada com docentes em cursos de Jornalismo no Brasil e com estudantes do curso de Jornalismo da UEPG que participaram da oficina Um olhar sobre os traumas de jornalistas, realizada em 2023 durante a Semana de Comunicação. O artigo analisa as respostas de 31 professores brasileiros e 14 estudantes. O método envolve uma web survey desenvolvida pelo JETREG, o questionário direcionado aos estudantes da oficina e pesquisa documental. A discussão teórica compreende estudos de jornalismo e trauma. Os resultados apontam para um consenso sobre a vulnerabilidade dos/as profissionais e a ausência de discussão nos cursos de formação tanto em relação ao tratamento e abordagem das fontes que passaram por situações traumáticas como na saúde do e da jornalista.

Nos EUA, o Dart Center, instituição de referência para discussão ética de relatos de eventos traumáticos e formação de jornalistas, publicou o Trauma & Journalism. A Guide for Journalists, Editors & Managers em 2007 (Brayane, 2007) por entender que esses profissionais estão na vanguarda de situações de crise e desastres, e pela falta de conscientização sobre as implicações psicológicas envolvidas na atividade. Além das orientações e recomendações voltadas ao mercado de trabalho, Hill, Luther e Slocum (2020) e Ogunyemi e Akanuwe (2021) chamam a atenção para a implementação de conhecimentos teóricos e práticos sobre traumas na atividade jornalística nos currículos dos cursos de graduação, juntamente com treinamentos de resiliência, simulações e roleplays baseados em pesquisas e enfatizando a proteção, o bem-estar e a segurança desses profissionais.

Palavras-chave

Eventos temáticos extremos; Jornalismo; Educação; Formação profissional; estresse pós-traumático.

Referências

- American Psychiatric Association. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders** (DSM-5) (5th ed.). Washington, DC: APA. 2013.
- Beck, U. **Sociedade de risco**. Rumo a uma outra modernidade. Ed. 34. São Paulo, 2011.
- Brayane, M. Trauma & Journalism. A Guide For Journalists, Editors & Managers. Dart Center, 2007. **Available** at: https://dartcenter.org/sites/default/files/DCE_JournoTraumaHandbook.pdf
- Corrêa, D. Mortes no RS sobem para 178; 34 pessoas estão desaparecidas. **Agência Brasil**. 24/06/2024. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-06/mortes-no-rs-sobem-para-178-34-pessoas-estao-desaparecidas>. Acessado em 03/11/2024.
- Hill, D., Luther, C. A., Slocum, P. **Preparing Future Journalists for Trauma on the Job**. Journalism and Mass Communication Educator. V.75 (1), 2020. p.64-68. <https://doi.org/10.1177/10776958199007>
- Ribeiro, R. Inpe aponta que focos de incêndio caíram pela metade no país. **Agência Brasil**. 15/09/2024. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2024-09/inpe-aponta-que-focos-de-incendio-cairam-pela-metade-no-pais>. Acessado em 03/11/2024.
- Ogunyemi, O.; Akanuwe, J. Should journalism curriculae include trauma resilience training? An evaluation of the evidence from a scoping literature review and a pilot study. **Journal of the**



XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Universidade do Estado de Santa Catarina. De 04 a 06 de dezembro de 2024.

Association for Journalism Education, v. 10, 2021. Available at:

<https://journalism-education.org/wp-content/uploads/2021/05/issue-10.1.pdf>

Silva, L. M. O jornalismo de trauma e o trauma do jornalismo. **Revista Panorama**: Goiânia, v. 7, n. 1, 2017.